

apresentam espessura bastante significativa e considerável continuidade física na área em estudo, representando um episódio marinho profundo.

A escarpa intermediária é constituída predominantemente por fácies de diamictitos, de escorregamentos e de arenitos maciços a sigmoidais, com clastos pingados, associados a arenitos de canais de lavagem subglacial, varvitos, etc.

A escarpa superior é formada pelos arenitos deltaicos do Membro Triunfo, que se sobrepõe a interlaminações wavy e estas a folhelhos marinhos, do topo da Formação Rio do Sul. Na porção norte da área, os arenitos Triunfo estão diretamente assentados em diamictitos.

Os relevos escarpados e suaves estão relacionados a três ciclos maiores de sedimentação: na base, um contexto marinho tornando-se mais profundo para cima, sendo sucedido por uma fase de sedimentação glacial, e finalmente pelos sistemas glacio-marinho a marinho plataformar do ciclo superior. Os depósitos deltaicos do Membro Triunfo já representam uma fase pós-glacial.

Referência:

SCHNEIDER, R.L.; MUHLMANN, H.; TOMMASI, E.; MEDEIROS, R.A.; DAEMON, R.F. & NOGUEIRA, A. 1974 Revisão estratigráfica da Bacia do Paraná. In: Congr. Brasileiro de Geologia, 28, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, SBG, p.41-65.

ESTRATIGRAFIA DE SEQUÊNCIAS DA FORMAÇÃO RIO DO SUL, SUBGRUPO ITARARÉ (NEOPALEOZÓICO), BACIA DO PARANÁ, CENTRO-LESTE DE SANTA CATARINA, BRASIL ✓

JOSÉ ROBERTO CANUTO ✓

DPE/IGc-USP

ANTÔNIO CARLOS ROCHA-CAMPOS ✓

DPE/IGc-USP

PAULO ROBERTO DOS SANTOS ✓

DPE/IGc-USP

A Formação Rio do Sul, na região centro-leste de Santa Catarina (sub-bacia de Rio do Sul), corresponde a um pacote de até cerca de 400 m de folhelhos escuros, marinhos ocasionalmente contendo clastos caídos, entremeados com arenitos, conglomerados e diamictitos, resultantes de fluxos gravitacionais de massa associados a leques submarinos, cuja deposição foi influenciada pela glaciação do Gondwana.

Três níveis mais proeminentes de depósitos de fluxo gravitacional na seção local da unidade correspondem a fases mais importantes de queda relativa do nível do mar (**mar baixo**), que se alternam com intervalos de nível de **mar alto**, documentados pelos folhelhos, ambos provavelmente controlados glácio-eustática e isostaticamente (Canuto, 1993).

A seção de Barra do Dollmann expõe a sucessão mais completa e melhor preservada de associações de facies de leque submarino e serve de base para a presente discussão. Observam-se ali, da base para o topo, arenitos finos, em camadas

tabulares de 2-3 m de espessura, com numerosas estruturas de escape de água indicativas de deposição por fluxo de grãos. As camadas de arenito adelgaçam-se distalmente, em direção ao centro da bacia, rumo a Ibirama, até decimétricas a centimétricas, passando lateralmente a turbiditos de franja de leque. O sentido geral das paleocorrentes é para o sul. Sobrepõem-se aos arenitos tabulares, diamictitos e arenitos canalizados, e conglomerados desorganizados com estratificação gradacional normal e invertida, depositados por fluxos de detritos ("debris-flows"), de facies mais proximais, no leque submarino.

Os arenitos tabulares não confinados e turbiditos configuram um **trato de sistemas de mar baixo**, desenvolvido em um **leque de assoalho de bacia** (Van Wagoner *et al.*, 1988; Vail *et al.*, 1991), e os diamictitos e arenitos canalizados, e conglomerados desorganizados, um **trato de sistemas de mar baixo**, formado em um **leque de talude** (Van Wagoner *et al.*, 1988).

Os tratos de sistemas reconhecidos compõem uma sucessão de **três ciclos sedimentares** principais, de 80-100 m de espessura cada, que constituiriam **sequências de 3ª ordem do tipo 1** (Posamentier *et al.*, 1988; Haq, 1991; Vail *et al.*, 1991). Além destas, duas outras sequências representando **tratos de sistemas de mar baixo** podem ser reconhecidas, na base e topo da Formação Rio do Sul. A primeira inclui facies associadas ao avanço e recuo iniciais do gelo na sub-bacia de Rio do Sul. A segunda, documenta-se apenas por associações de facies proglaciais subaquáticas formadas durante o recuo de margem de geleira, subsequente ao último evento glacial na área.

(Apoio FAPESP, Processo nº 91/0546-2.)

ARCABOUÇO ESTRATIGRÁFICO DA FORMAÇÃO AQUIDAUANA NA REGIÃO DE MONTE SANTO (MG), MARGEM NORDESTE DA BACIA DO PARANÁ

JAQUELINE BRAVO
UNESP - Campus de Rio Claro
Mestranda - Bolsista do CNPq
JOEL C. DE CASTRO
UNESP - Campus de Rio Claro

A Formação Aquidauana, cronoequivalente do Grupo Itararé nas bordas nordeste, norte e noroeste da Bacia do Paraná, é objeto da presente investigação. A área de trabalho é o município de Monte Santo, MG, onde a Formação Aquidauana aflora numa faixa (com 4 a 10 km de largura) limitada pelo embasamento pré-cambriano a leste e rochas mesozóicas do Grupo S. Bento a oeste. A faixa estudada está orientada aproximadamente de sudoeste para nordeste, tendo Monte Santo no extremo SO e a Serra de Santana a NE, numa extensão de 20 km.

Apesar das coberturas colúviais, a área apresenta boas exposições, seja na forma de morros escarpados de arenitos ou de colinas suaves formadas por arenitos muito finos e siltitos ou por diamictitos. O mergulho regional é para oeste e sudoeste;